

BIOGRAPHIAS

De brasileiros distintos ou de individuos illustres que serviram no Brasil, &c.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO (*).

O Marquez do Pombal tinha em sua alta politica conhecido a necessidade de cultivar do Brasil, e pois que muitos brasileiros talentosos haviam sempre em Portugal correspondido á sua confiança, veio elle tambem a ser grande protector dos brasileiros, que em reconhecimento não perdiam occasião de o exaltar. Um d'elles, do qual ora nos vamos occupar, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, amigo de José Basilio, não devia ser menos estimado por Pombal, a quem tanto louvor prodiga na ode

« Não os herbes que o gume ensanguentado. »

Assim é que o mesmo Pombal, depois de o despachar primeiro juiz da fôra de Cintra, o elevou depois a ouvidor da comarca do S. João de El-Rei, em Minas. Durante a ouvidoria ali se casou; e depois transferiu sua residência para a campanha do Rio Verde, onde possuia lavras de ouro, e onde foi feito coronel do 1.^o regimento de Auxiliares.

As suas composições poeticas já antes o haviam recommendado para arcade ultramarino; porém até hoje não nos tem sido possível de decidir com certeza se o nome de *Eureste Phénicio* era o que levava como pastor.

Chegando ao Brasil o nosso poeta, magistrado e militar, a quem talvez não seria estranho o pensamento de Pombal de estabelecer na America a cabeça do imperio portuguez,

(*) Ainda que já a *Revista* publicou uma biographia d'este poeta, decidimo-nos a incluir tambem esta, por conter factos na outra não mencionados.

penetrou-se tanto d'esta idéa que com o vigor da convicção traçou uma ode em que convida a rainha Maria I a passar-se ao Brasil, e assenhorear-se da America toda. E com todo o seu enthusiasmo não se esquece de prevenil-a contra as naturaes rivalidades da antiga metropole, e de fazer protestos pela lealdade de seus votos :

Vai ardente desejo ;
Entra humilhado na real Lisboa
Sem ver sentido do invejoso Tejo.

Da America o furor
Perdoai, Grande Augusta, a lealdade,
São dignos de perdão crimes d'amor.

Em Minas é natural que começasse a conviver com Claudio e Gonzaga : além d'isso vemos que se dava com D. Rodrigo José de Menezes, ao depois conde de Cavalleiros, que governou aquella provincia desde 1778 até 1783. E bem digno é de ler-se o patriotico canto *Geneathliaco* que compoz em 19 estancias ao filho d'esse Governador.

Igual amizade não travou de certo com o successor d'este ultimo, Luiz da Cunha de Menezes, que conservou o mando até 1789 ; e antes pelo contrario ha toda a probabilidade de que com os mais mineiros tomasse parte activa contra os abusos d'este governador, tão fortemente satyrisado nas *Cartas Chilenas* (*), obra esta cuja composição cremos não seria estranha ao mesmo Alvarenga Peixoto, ainda suppondo que não tivéra n'ella parte. Do nome Dirceu, pastoril de Gonzaga, faz-se n'ellas menção como amigo do autor ; tambem se faz referencia a um chimico, e a um velho jurista, etc. — A critica litteraria só por si dif-

(*) Só depois de ler muitas vezes esta composição, e de sobre ella meditar, é que chegamos a descobrir que se referia a um governador de Minas o não do Rio, como a principio imaginamos. Dado este passo, o marcar a época e apontar a pessoa do satyrisado fanfarrão, já não offerecia tanta difficuldade. *Cartas mineiras* lhes podemos hoje chamar, visto que já não é necessario o disfarce. Até Minas e Villa-Rica entram ao verso com o mesmo metro de Chile e Santiago.

facilmente poderá resolver qual dos litteratos que estavam em Minas seria propriamente o autor das taes cartas satyricas. Devia ser pessoa versada na jurisprudencia, amigo de Gonzaga, de instrucção variada e grande facilidade de metrilicar. Além d'isso, parece que havia estado em Portugal; e que era autor recommendado por seus escriptos. Esta ultima circumstancia julgamos deduzir dos dois seguintes versos de uma epistola que precede as *Cartas*, e que em 1826 foi impressa com as inicias de Claudio:

« Que teus escriptos de uma idade a outra
Passarão sempre de esplendor cingidos. »

Dois poetas havia então em Minas em quem se davam todas estas condições: o de que ora nos occupamos, e Claudio, cuja affeição por Gonzaga fizemos sentir na sua biographia. A satyra de que tratamos é inferior ás obras que conhecemos de um e outro: no estylo ha redundancias, e nos versos repetições de máo gosto, e ás vezes expressões menos decorosas que desdizem da alma maviosa de Claudio, e da lyra entusiasta de Alvarenga Peixoto. Com tudo, além de que ás vezes dorme o proprio Homero, e já não parece o mesmo, quem sabe se, visto que as tres cartas não deviam ser impressas, quereria tambem o autor sahir-se do serio para

« Refocilar a lassa humanidade. »

O conto é que as taes *Cartas Chilenas*, que talvez foram obra de Alvarenga Peixoto, são o corpo de delicto do orgulhoso Cunha de Menezes; ao passo que o desgoverno d'este foi talvez a origem da primeira fermentação em Minas que levou o povo á conspiração que depois se descobriu. Queixa-se o povo de Cunha de Menezes, e mal sabia se seguiria o caso da fabula que no successor d'ello encontrariam alguns o seu flagello!

No tempo de Menezes tinha-se dito

« Que a humanidade enfim desagravada
Das injúrias que sofre, por teu braço
Os ferros soltará, que desafrouxa.
Tintos de fresco gotejado sangue. »

A' chegada de Barbacena correu a noticia de que ia elle forçar o pagamento de setecentas arrobas de ouro, que Minas

devia á corôa segundo a capitação. Em varios círculos se tratou da impossibilidade de se annuir á taes ordens, e o direito natural lembrou logo os recursos que havia para a resistencia. . . .

Os Estados-Unidos haviam sido felizes contra a metropole: o chimico José Alves Maciel (talvez o das *Cartas Chilenas*), que voltava de estudar em França onde viu os principios da revolução, julgava encontrar em Minas recursos bastantes para sustentar-se: o seu cunhado Freire de Andrada, commandante da Infantaria, deixou-se convencer; e o nosso poeta Alvarenga Peixoto, vendo ensejo favoravel de realisar as suas idéas de formar-se um governo no Brasil, enthusiasmon-se; improvisou logo a bandeira para o novo estado, e propôz as providencias que se deviam adoptar para crear partido e para resistir á guerra, na qual elle estaria á frente do seu regimento.

Mas, como succede tantas vezes, alguns conspiradores converteram-se em denunciantes. Os réos foram apanhados e julgados.

Em 1792 chegou ao Rio a sentença que condemnava á morte, entre outros o Alvarenga Peixoto; devendo além d'isso ficar infamada sua geração, confiscados seus bens, e posta sua cabeça em pelourinho em S. João d'El-Rei.

Segue-se uma catastrophe dramatica. Sae o prestio sinistro; e ao chegar á fôrça, é justicado o primeiro réo que os juizes deram como mais culpado. O cerrasco espera a victima immediata. Mas em lugar d'esta junto ao patibulo lê-se um papel; e os gritos de perdão! perdão! se propaga pelas turbas apinhadas!

Era um decreto de amnistia da Rainha Maria I. commutando aos outros a pena de morte.

A Alvarenga Peixoto destina-se o degredo perpetuo para o presidio d'Ambaca nos sertões d'Africa. . . .

E lá o levaram para Angola, onde pouco tempo viveu.

Infeliz! Nem ao menos cobrem teus ossos terra civilisada, já que os não pôde cobrir a terra da patria!

F. A. de Varnhagen.